

A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 19 DE NOVEMBRO DE 1887

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO.

VOL. III-N. 151

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

SUMMARIO

Expediente.....	
Ramalho Ortigão.....	
Escreptores do Norte do	
Brázi.....	F. TAVORA.
Metempsychose, soneto.....	A. DE OLIVEIRA.
Sobre os Sonetos e Poemas.....	A. BARBOZA.
Naturalismo e pessimis-	
mo.....	ARARIPE JOR.
A comedia dos deuses.....	THEOPHILO DIAS
Estudos da Litteratura	
Brazileira.....	SYLVIO ROMÉRO.
Volta ao passado, soneto	P. RABELLO.
Atlebiades Furtado.....	J. D. DA ROCHA.
***, soneto.....	JOÃO RIBEIRO.
Paquete «Gironde».....	L. S.
Cousas da vida.....	J. G.
Beduinos do amor.....	ALBERTO SILVA.
Theatros e diversões.....	
Diversas publicações.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE E NICHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

As assignaturas tomadas e pagas desde já vigorarão: as de semestre até 30 de Junho e as de anno até 31 de Dezembro de 1888.

A Empresa desta folha, no intuito de regularizar o seu serviço, roga encarecidamente aos Srs assignantes em atrazo a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos até ao fim do anno corrente.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:
— Dr. Izidoro Martins, na cidade do Recife;
— Max Fleiuss, na cidade de S. Paulo.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Macbado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

Ramalho Ortigão

Cumprimos o grato dever de agradecer a este illustre escriptor portuguez a seguinte carta com que nos honrou ao regressar para o seu paiz:

Meu caro Sr. Redactor. — Julgo de terminar bem o sentimento da excessiva benevolencia com que tive a honra de ser tratado no Brazil, attribuindo a sua origem, primeiro, á sympathia que o meu amor de trabalho inspirou; segundo, ao prestigio que a minha nacionalidade exerceu. Cabe-me pois agradecer em nome da minha bella profissão e da minha nobre patria, a expressiva homenagem em mim prestada á litteratura portugueza.

Emquanto á parte que nos obsequios que me foram feitos, cabe á doce ternura e ao encantador cariuhu da poetica e hospitaleira raça brazileira, nunca a minha lingua a poderá exprimir, como nunca poderá esquecer o meu coração eternamente lembrado e agradecido.

Se nestes termos quizer ser, meu querido collega, o interprete de meus sentimentos, muito mais obrigará

O seu muito dedicado e reconhecido confrade.

RAMALHO ORTIGÃO.

Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1887.

Escreptores do Norte do Brazil

O DR. CELSO DE MAGALHÃES

Quando resolvi formular estes resumos entrava na minha intenção a analyse physiologica e psychologica dos autores. A sentença de Sainte Beuve «offerece sempre interesse o exame das origens dos grandes espiritos» profereida em 1830 como simples opinião, é hoje uma lei fundamental da critica.

Logo depois me convenci da impossibilidade de realizar o meu intento. Como obter esclarecimentos e notas de familia sobre autores que vivem dispersos quando são tão grandes as distancias e tão difficéis as communicações? Como subir até ás origens de cada uma dessas nobres existencias que se passam em pontos diversos sem laço de união? Como obter as mil particularidades e accidentes que, em trabalho de semelhante natureza, tem parte directa na formação da indole litteraria, na preferencia das idéas, enfim na formação da individualidade representada não rara vez em uma ou poucas obras?

Si o trabalho litterario offerecesse compensações, nada mais justo e natural que tomar passagem um vapor para o Ceará, Maranhão, Pará, Ama-

zonas, afim de colligir bases veridicas e authenticas para o processo analytico. Mas a quem conhece o pouco cnso em que se tem no Brazil o officio de escriptor, não faltaria razão para desconfiar das condições de sanidade espirital do critico que, por amor sómente do officio, da verdade ou de uma gloria vã para muitos, ridicula para outros, despendesse dinheiro e tempo em nossas carissimas viagens, com o sacrificio da saude e a certeza de não merecer no fim do seu insano trabalho siquer um — Deus te pague.

Em presenca destas e outras razões, renunciei, por inexequível, aquella parte de minha resolução, talvez a essencial si se tratasse de criticas completas e formos no rigoroso sentido em que ora se toma esta palavra, mas de pouca importancia no ponto de vista do meu compromisso, que não é estudar, por assim dizer, anatomicamente os escriptores, sinão occupar-me com aquellos dos seus trabalhos em que me parece estar mais ou menos fixamente desenhada a feição nortista.

Para chegar a este alvo, não é necessario seguir a evolução do escriptor, antes basta indicar uma obra; e si, de passagem, tenho excellido estes limites; si, quando seria sufficiente dissecar algum ou poucos livros, acompanho ainda que não muito de perto, os autores em toda a sua carreira litteraria, notando-lhes porventura o progresso evolutivo, e, por assim dizer, prognosticando as suas futuras manifestações, faço-o não por dever, e sim por não perder occasião de dar delles idéa mais ampla, pela qual se possa ficar aquilutando em complexo a sua individualidade; faço-o por lhes ser agradável, não por entender que é absolutamente necessario este trabalho ao meu fim.

Mas este mesmo processo, já de si imperfeito, vejo que o devo restringir ainda mais, quer pelas razões expendidas, quer para evitar augmento de proporções da obra.

Para melhor comprehensão, não deve o leitor perder de vista que esta metade da primeira parte do livro representa a prova instrumental, emquanto a outra representa a discussão e explanação da these. Exbibio na segunda os documentos, com que pretendo provar as allegações produzidas na primeira.

O Dr. Celso de Magalhães falleceu bem moço. Teria, quando muito, 30 annos; falleceu antes de dar por inteiro a multipla expressão a que o seu talento flexivel se prestava; mas, quando não tivesse produzido outro trabalho sinão o seu *Estudo sobre a poesia popular brazileira*, este seria bastante para atestar a sua notavel vocação litteraria.

Póde-se dizer que tudo o que deixou não passa de ensaio — ensaio na poesia, na critica, no romance; mas em todos os ensaios da sua penna ha revelações

de um espirito elevado, instruido, e sumamente inspirado na intuição moderna cuja formação pertence em grande parte á sciencia. A sua feição predominante é incontestavelmente a de critico, e este conceito julgo-o provado, não ó pelo *Estudo sobre a poesia popular*, mas tambem por outros artigos no mesmo genero publicados em jornaes, e em particular pelo *Prologo* que escreveu para o drama *Evangelho e Syballabus* de Rangel de S. Paio, prologo em que a critica religiosa é feita com sobriedade e agudeza taes, que podem levar a convicção ao espirito do leitor em sete paginas.

Antes desse *Estudo*, Celso publicára um livro de versos onde se encontra o poema *Calhambolas*, rico de informações e colorido da vida dos negros fugidos no centro do Maranhão. Tem graça e idéas as suas poesias, em geral isentas do romantismo, que no seu tempo ia já batendo em retirada em Pernambuco, onde Celso de Magalhães começou a apparecer como estudante da Faculdade de Direito.

Li posteriormente duas poesias d'elle na *Revista Nacional* (S. Paulo, 1877), as quaes não destoam da corda que o poeta fazia vibrar antes de bacharelarse.

No *Paiz*, folha do Maranhão, publicou elle o seu primeiro e unico romance *Um estudo de temperamento*, que a *Revista Brazileira* reproduziu. É um romance de costumes do Maranhão, e portanto um romance do norte.

Todas estas produções, porém, comquanto accusem a vitalidade do seu talento, não valem o seu *Estudo sobre a poesia popular*, entre outras razões, por ser o primeiro trabalho sério que ácerca deste assumpto se tinha até então escripto no Brazil.

Celso, pois, é entre nós o creador da critica sobre as produções do nosso povo. Elle lançou alli as bases do exame, pelo estudo das nossas origens historicas, pelo cruzamento das raças que entram na formação do brazileiro, pelo confronto da nossa poesia popular com a poesia popular portugueza; em summa foi elle quem proferiu a primeira palavra a semelhante respeito. Outros hão de pronunciar — ultima; em todos os assumptos, porém, o maior serviço e principal merito não estão em alargar a vereda, mas em tê-la feito através do desconhecido. Aberto o caminho, não é difficil fazer d'elle uma larga estrada. Não queremos recuzar com estas palavras a homenagem a que tem direito os intrepidos operarios que afastam com grande talento e esforço os horizontes do mundo conhecido e vão ampliando de tal modo as regiões e os dominios, que chegam a fazer crer que os acabaram. Além dos elementos propriamente criticos ou scientificos, Celso de Magalhães offerece no seu *Estudo* outra expressão, que, sendo complementar daquella, representa tra-

balho paciente e enfadonho — o da collecção das principaes chacaras e romances do nosso povo, que de dia em dia estavam a perder-se.

A intuição da poesia popular pertence ao norte. No sul pouco apreço se dá ao que é do povo. Que é das trovas dos *bandeirantes*, si é que existiram como alguns affirmam? Perderam-se todas. Só ultimamente no Rio Grande do Sul trataram de colligir trovas populares.

Este trabalho entretanto é velho no norte. Antes de Celso de Magalhães indicar o essencial, dando-lhe direcção scientifica, o povo tinha um admirador e um imitador em Juvenal Galeno, cujos versos são modelados pela toada e ritmo das produções do povo. Em muitos delles entram versos puramente populares, como elle proprio declara no prologo das suas *Cancções*.

O nortista tem uma natural tendencia para a trova; tem gosto particular para esta manifestação do geio nacional. Isto nota-se até nas produções dos autores mais cultos.

Quasi não ha coato nem romance do norte em que se não depare o *desafio*, o verso popular. O sertanejo por qualquer motivo compõe versos que entram no corpo das produções anonymas. Não é só o *sertanejo*, é tambem o *matuto*, é tambem o *praeiro*. Si morre quemada uma pessoa que goza da estima publica, compõe-se-lhe uma poesia, como o *A B C da moça queimada*, colligida por mim e communicada ao Dr. Sylvio Romero, assim como o *A B C do Araujo*, o *Urubú e o cão* e outras. Si um boi cria fama, fazem delle um heróe, como servem de prova o *Rabicho da Geralda* e o *Boi Espacio*.

Uma das composições mais engraçadas que ainda ouvi foi uma cantiga intitulada — *As lagartixas em Gamella de Barra Graade*, praia da provincia das Alagoas. A *feijoadá* é outra produção deste genero que tambem ouvi cantar alli com igual graça. Si porém no estudo da poesia popular Celso de Magalhães deve considerar-se o fundador desta ordem de estudos, e fundador muito adiantado e de muito critério, o mesmo não se dá no romance.

Quando sahio a lume o seu *Um estudo de temperamento* o romance do norte estava já iniciado. Na *Trindade Maldita* e *Casa de Palha* produções do autor destas linhas; no *Carlos*, de Ribeiro da Silva, na *Carapuça de meu tio* estava representado o nosso romance moderno, de acção pertencente á cidade, leado por theatro o Recife e os seus pittorescos arrabaldes; nos *Índios do Jaguaribe*, anterior á *Iracema*, e que se pôde dizer que suggeriu este a J. de Alencar visto que o seu assumpto capital é a colonização do Ceará, o mesmo que entra na *Iracema* com uma feição inteiramente lyrica, estava representado o romance historico de feição colonial.

Um estudo de temperamento começou a salir ao Maranhão, depois de publicado o *Cabelleira*, depois de iniciada a campanha da *litteratura do norte* (phrase pittoresca que me fornece um dos jornalistas da Corte), o que me leva a crer que Celso de Magalhães, si não estava inteiramente de accordo conigo, em muitos pontos não tinha pensar diverso do meu, porque, no seu romance agrupa scenas e costumes que pertencem ao norte em geral, e que elle estudou a fazer reflexões para concluir que é original aquella sociedade.

FRANKLIN TAVORA.

METEMPSYCHOSE

A ARTHUR BARBOSA

Da morte os mudos páramos entrando,
(Dizia alguém que o meu pensar vertia)
Em que me hei de tornar, não me toruando
Mais á mesma existencia e ao mesmo dia?

Seja perola ou musgo, ai! miserando!
Arvore seja de espessura fria,
Com tanto que esse olhar que me allumia
Proximo o sinta, á minha dor falando.

Seja o ar que ella aspira; eterno a vela,
Todo a queimar-me na saudade ardente.
Tendo-a tão longe, seja a luz da estrella!

Mas meu desejo, meu maior desejo,
E' ser a agua dum lago transparente
Para a sombra beber-lhe beijo a beijo.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

SOBRE OS "SONETOS E POEMAS"

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Quando te leio a pagina mimosa
Em que teu *Leque* abriste fulgurants,
— Onde brilha o topasio e o diamante
Por setiaoso fundo cór de rosa,

Poeta! eu vejo então a sonora
Lyra tua, soltando um som brilhante,
A alma nos enche de um prazer constaate,
De uma alegria loira, esplendorosa.

Hontem nos deste as tuas joias de ouro,
Que guarda o escriptorio das *Meridionaes*;
Hoje nos dá's mais divinal thesouro...

— Thesouro feito de milhões de gemmas,
De saphyras, opalas e coraes,
— Thesouro de *Sonetos e Poemas*!

S. Paulo — 1886.

ARTHUR BARBOSA.

Naturalismo e Pessimismo

(Continuação)

Herbert Spencer estudando as leis do estylo, sob o ponto de vista physiologico, explica claramente em que consiste a economia do esforço realisada por essa machina de transmittir idéas chamada *linguagem*.

« Quando condemnamos tal modo de escrever, diz o philosopho, porque nos parece ou verboso ou confuso, ou desordeado; quando elogiamos um estylo por ser limpo, ou censuramos outro por ser difficil, não fazemos outra coisa senão tomar aquella regra, consciente ou inconscientemente, como critério. Considerando-se a liaguagem uma combinação do sigaaes para transmittir o peasamento, pode-se affirmar que, neste caso, como em uma combinação mecanica, quanto mais simples e bem dispostos forem os elementos componentes, tanto maior será o resultado obtido. Em ambos os casos, a força inteira absorvida pela machina, o é com detrimento do effeito util. O

leitor ou o ouvinte pode despendor, no momeato dado, uma somma limitada de energia mental. O reconhecimento e a interpretação dos signaes que lhe são apresentados depende do desenvolvimento de parte dessa energia; uma parte ainda é utilizada na construcção e combinação das imagens suggeridas; e só o excedente é empregado na realisção do proprio pensamento. Portanto, quanto mais tempo e attenção gastarmos na operação de receber e comprehender a phrase, tanto menos tempo e attenção ficarão para a idéa nella contida; e tanto menos viva se nos apresentará essa idéa. Não é, pois, sem razão que se diz que a liaguagem é um obstaculo ao peasamento, ao mesmo tempo que é um instrumento indispensavel; bastando lembrar com que força, comparativamente, os outros signaes traduzem idéas simples. A phrase — *saia d'aqui* — é menos expressiva do que um gesto mostrando a porta. Um dedo, posto sobre os labios, produz mais effeito do que um — *não diga nada*. Um chamado de mão tem mais força do que as palavras — *venha cá*. Não ha phrase que exprima tão vivamente a surpresa

como uns olhos arregalados e umas sobrancelhas circumflexas. Um encolhimento de hombros perderia cento por cento, si o tentassemos traduzir por vocabulos. Igualmente na liaguagem fallada os effeitos mais vigorosos são os das interjeições, por isso que condensam uma phrase toda em uma syllaba. E n'outros casos, em que o uzo nos autorisa a collocação do pensamento em uma só palavra, como — *cuidado! hurrah! morra! safa!* — seria enfraquecel-o desenrolal-o em minucias proposições. Continuando, pois, a considerar metaphoricamente a liaguagem como o vehiculo do pensamento, ha alguma razão para acreditar se que os attritos e a inercia, nesse vehiculo, diminuem o effeito util; e que o grande segredo, si não o unico, da arte de compôr, reside em reduzir ao minimum possível esse attrito e essa inercia. » (1)

A consequencia logica a deduzir, dessa lei é simples. Todos os recursos e artificios empregados pelos que escrevem ou fallam, — escolha de vocabulário, harmonia imitativa, construcções, flexões, inversões, uzo de tropos e figuras, comparações, allegorias, ritmo, gradações etc., etc., — são tem por outro fim, consciente ou inconsciente, si não impressionar, e a impressão, na hypothese vertente, importa o mesmo que adaptar o apparelho de expressão ao fim colimado.

Isto posto, e dado o facto da progressão sempre crescente do methodo analytico das linguas moderaas, principalmente depois que as sciencias de observação arrancaram o bonem á synthese empirica, para collocal-o, com sua alma poetica, sob a influencia da synthese *post analysim*, comprehende-se que os recursos acima indicados passaram a desenvolver-se em uma esphera muito differente. E' obvio que as resistencias cerebraes, offercidas no exercicio da função de qualidades artisticas por um povo inculto, não são iguaes ás que apresenta um povo letrado; as differenças mesmo que existem eatre as nações civilizadas de hoje e as de dois ou tres seculos atraz bastariam para firmar um critério neste ponto. O traço caracteristico, portanto, do estylo moderao deve ser procurado, graças ao maximo poder de receptividade do homem actual, na necessidade de uma maior accumulção de factos em uma area relativamente pequena. Orgãos trabalhados durante tantos seculos pela liaguagem e pela impressão artistica, carecem hoje mais do que nunca de uma massa considerabilissima de traços, de côres, de sombras, de effeitos, para passarem do estado normal da indifferença com que se comportam diante do que é vulgar, para o estado vibrante produzido pelas renovações da analyse.

Mas de que maneira tem sido possível realizar esse accumulção, essa congerie, sem perda da intensificação que resulta economia da attenção, lei fundamental de todo o estylo? Os criticos não o dizem satisfactoriamente; penso, porem, que recorrendo-se ainda ás leis da syntaxe, poder-se ha encontrar no accento periodal o verdadeiro *gume* ou *perfurador* do estylo, ou para exprimir melhor, o verdadeiro condensador da phrase. Ponto de apoio instinctivo do espirito, é a elle que iacumbe, no estylo moderno, na multiforme adjectivação das proposições, no tumulto e com-

(1) H. Spencer, *Essais sur le progrès (philosophie du style)*. Trad. Burdeau, 1879, p. 329 a 331.

plexidade dos caracteres, que regoritam em torno de idéas simples precipitando-se para dentro do período; é a elle que incumbem dar corpo ao pensamento, forçando a uma *crase* as proposições incidentes que se insubordinam, convertendo-as aqui em energicas locuções adverbias, ali em epithetos que valem paginas, acolá em apposições que evitam grandes circuitos,—realizando, em summa, uma revulsão continua, una integração intensa no organismo da phrase.

As pessoas, a quem são familiares os estudos de philologia comparada, sabem perfeitamente que influencia o accento tonico exerceu na transformação e coesão das palavras nas linguas romanicas. Benloew diz que o accento assignala « a acção exercida sobre o vocabulo pela intelligencia do homem, indicando por isso que as linguas, á medida que se accentuão, vão entrando na consciencia de si mesmas. »

(2) Esta tendencia para a concentração, segundo Bøekh, data já dos latinos, que, graças ao seu genio abstracto, desenvolveram prematuramente a prosa, multiplicando as contrações, as assimilações, as ecclipses, as apocopes. Pois bem, desde que admittamos a presença de igual phenomeno na proposição e no período, como instrumento expurgador de todos os accessorios, de todas as escaras, que se oppõem á nitidez e ao arredondamento da phrase, teremos posto a mão sobre o elemento capital por onde o escriptor insufla a propria vida no seu discurso.

Foi Henrique Weil o primeiro que chamou a attenção, de um modo systematico, para esse facto, sob o aspecto da coordenação grammatical. « Da mesma maneira, escreve este philologo, que em cada palavra existe uma syllaba em que nos apoiamos mais fortemente e outras pelas quaes deslisamos apenas, existe tambem em cada proposição uma palavra, em cada período uma preposição parcial sobre a qual a alma e a voz vibram com mais energia. Esta accentuação constitue o principio vivificante da linguagem; outras particularidades da pronuncia são apenas a sua parte material. Essa nota pessoal, esse sopro de vida, esse não *sei* que é indispensavel para dar vida ás vibrações do ar que ferem nossos ouvidos. Com effeito, por mais exacta que seja a leitura de uma obra admiravel, por mais originaes e novos que pareçam os pensamentos emitidos, essa leitura e esses pensamentos não serão comprehendidos, e até se julgarão triviaes e rebuscadas idéas arrancadas do fundo da alma, si a voz não accentuar as nuanças caracteristicas. Ao contrario disso dá-se relevo por meio dessas nuanças ao que já tiver sido dito milhares de vezes, e todo mundo pensará em uma coisa nova, porque o accento prova que taes palavras não saem somente dos labios mais tambem da alma, das entranhas de quem falla. » (3)

A relação entre esses accidentes da voz e a ordem ou collocação das palavras é um facto de primeira intuição. Toda a eloquencia e energia da phrase está, pois, na sua coincidência. Fazendo applicação mais ampla dessa theoria, Ayer pronuncia—se pelo que elle denomina *accento racional*, que tem por funcção « determinar a unidade da proposição como um todo composto de partes distinctas (palavras), as quaes

não podem ser emitidas por um modo uniforme, mas elevando-se a voz na palavra principal da phrase ou do membro da phrase, e abaixando nas outras. » (4)

Vencidas todas as resistencias, no que respeita á receptividade do ouvinte ou leitor, pelo erethismo que o accento communica ao período e ao discurso inteiro, resta saber como se realisa essa collocação, tão difficil de distinguir de estylo a estylo, no meio de influencias tão variadas e complexas. Não ha duvida que tal accidente depende todo do modo particular de ser de cada um,—do temperamento, e é certo que o temperamento, cedendo tambem á lei do menor esforço, dirige-se pela linha das suas aptidões mais naturaes. Bain reputa todo o desenvolvimento intellectual um prolapso da desigualdade de sentidos com que nasce cada individuo.

Segundo essa opinião aliás baseada em factos adquiridos para a sciencia, as percepções fornecidas pela vista, pelo ouvido, pelo tacto, pelo olfato e pelo paladar, estão muito longe de guardar uniformidade de individuo a individuo; ao contrario disso, as divergencias vão ás vezes até verdadeiras anomalias. « Tal é a principal origem das differenças de character intellectual, dos gostos, das tendencias, que se encontram em pessoas diversas. Si uma consegue, desde começo, apreciar cinco nuanças de cores, no ponto preciso onde outra não distingue mais de uma, pode-se afirmar que as carreiras, tanto de um como de outro, estão antecipadamente traçadas, e hem definida a distancia que guardarão entre si. » (5)

Dado o phenomeno como constante no desdobramento psychico da individualidade artistica, torna-se relativamente facil classificar os temperamentos litterarios. Todos elles estão subordinados ao ponto de partida, e as suas sensações, por maior que seja o grão de differenciação a que tambem chegaram, nunca perderam o molde original. Os agrupamentos de imagens, em toda sua vida consciente ou inconsciente, não serão outra coisa mais do que a proliferação, modificada pelo ambiente, das primeiras associações que se formaram em seu espirito ao contacto do mundo exterior. O homem é vaccinado, logo ao nascer, por um dos cinco sentidos; e essa vacina determina tudo quanto se houver de crear em sua intelligencia de artista. A collocação, portanto, do accento na phrase escripta e o consequente colorido do estylo, terá fatalmente de recahir sobre os membros que melhor exprimem o que é peculiar ao artista e que mais se acomodam aos aspectos favoritos de seu espirito. Realizada a selecção do membro accentuavel e estabelecido o equilibrio periodal, é claro que estão resolvidas na execução todas as difficuldades relativas aos accessorios, as incidencias, que, por assim dizer, constituem a encarnação do discurso.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa)

(4) Ayer, *Grammaire comparée de la langue française*, p. 479.

Eis como este autor exemplifica a theoria: « A palavra principal pode ser: 1^o o predicado com relação ao sujeito;—2^o a palavra determinante com relação á determinada, isto é, objecto e verbo, attributo e substantivo;—3^o a palavra—idéa com referencia a palavra—relação. Assim na seguinte phrase:

O menino lê um livro interessante
—relação. Assim na seguinte phrase:
O menino lê um livro interessante
a idéa dominante é o predicado *lê*; mas esta palavra é determinada pelo regimen *um livro*, o qual, por sua vez, é determinado pelo a djectivo *interessante*. E sobre o ultimo que deverá recahir o tom principal. »

(5) Bain, *La science de l'éducation*, p. 12.

A COMEDIA DOS DEUSES (*)

(FRAGMENTO)

VIII

(Reunem-se as cidades do Oriente para converter todos os deuses n'um só Deus)

THEBAS

Os mil annos da esphinge estão passados.
Estorço-me com tarde movimento
No profundo lethargo; e lento e lento
Os meus cilios descerram-se pesados.

BABYLONIA

Que voz escuto? E' Thehas que murmura!
E's tu, irmã, que cinges
De cinzelado acantho a fronte pura,
Em que fitam-se os olhos das esphinges?
Irmãs, em que paragens vos deixaram
O grifo e o ibis, quando vos levaram?
Respondi-me com o baque das ruinas,
Os clamores dos povos revoltados,
O silvo agudo das espadas finas
E a marcha compassada dos soldados;
Com o estrondo do throao, que se abate.
A voz dos cistres, que nos templos soam,
A queda das columnas que esboroaem,
E o sibilar das settas no combate.

NINIVE

Perto de vós habito;
Mas sinto-me decrepita. O cansaço
Me impede de subir ao meu terraço;
E a minha escadaria de granito
Desaba e rúe-me aos pés a cada passo.
Musica de aureo christro
Não mais em meus jardins vibrando sóa;
Minhas ruas povoa
Um silencio sinistro

Nas minhas longas salas solitarias
Pavorosa mudez paira e domina.
Salvo o sussurro hostil das parietarias
Meneiando-se ao vento da ruina.

PERSEPOLIS

Guiava, quando ouvi o vosso grito,
Um rebanho de gritos sequiosos
Aos meus tanques de naphta. Eu habito
As regiões do Iran.
Teço cada manhã
Vestidos vaporosos
Para as lindas huris,
Fadas do meu paiz;
E reanimo, quando a noite desce,
Sob as cinzas o lume da lareira
Para emprestalo a alguma forasteira
Estrella que feucece.
Ouvistes o rugido aspero e forte
Do meu carro de guerra,
Que espalha a confusão, o espanto, a morte,
Com as duras rodas abalando a terra?
Minha voz é o relincho dos ginetes
No turbilhão ardente da batalha;
E' o silvo da setta, que retalha
O ar, e rompe os ferreos capacetes.
Ouvistes vós o grito immenso e rudo
Que fez arfar-me o seio?—
— Ao retinir da espada contra o escudo
Na pugna do Granico levantei-o.

SABÁ

E' longe o meu paiz.
Nem magos, nem astrologos conhecem
Que regiões o limitam;
Ergueram-me as muralhas as peris;
Para o infinito as minbas torres crescem,
E fadas as habitam.
Não existe rainha
Mais sábia do que a minha.
Do hieroglypho as letras mysteriosas
No enigma profundo
Não lhe occultam as cousas que ciosas
Vendam-se a todo o mundo.
Seu templo é de coral;
Sua vergasta magica, encantada;
E a senda do seu templo colossal
Toda de areias de ouro semeada.

BACTRES

Meu rei um dia chamou-me
Da Media á montanha. Ali
Por ardua senda levou-me,
E eu com elle subi.
E á doce luz da manhã
Ao contemplar-me a belleza,
Deu-me, em antes de partir,
Tres settas para a defesa.

(*) Publicando o presente fragmento da *Comedia dos Deuses*, procuramos attender á justa curiosidade dos boas amigos da poesia, relativamente ao trabalho do illustre poeta brasileiro, Sr. Dr. Theophilo Dias, trabalho que dentro em pouco deve apparecer na provincia de S. Paulo, onde reside o autor, a quem agradecemos a promptidão com que satisfez o nosso pedido.

A REDACÇÃO

(2) S. Reinach, *Philologie classique*, I, p. 133.
(3) H. Weil, *De l'ordre des mots*, p. 74.

Deu-me após um talisman
Para fazer um collar,
Tres torres para subir,
Tres deuses para adorar.
E hoje um mago, abrindo o véu
Do abysmo do tempo escuro,
Vaticinou-me o futuro,
Lendo-o nos astros do céu.

PALMYRA

Hontem sahi, triste e só,
E fui contemplar de perto
A vastidão do deserto
Envolto em nuvens de pó.
Minha columna, que assenta
Na areia, fita ao redor
A sombra pulverulenta
Das tamareiras em flor.
A minha porta robusta
Gyra nos gonzos, sonora;
Esta solidão me assusta.
Quero fugir;—ir-me embora.
Clamo embalde! Ninguém passa!
Ninguém me escuta a afflicção!
E o meu grito de desgraça
Perde-se pela amplidão.
Ouvistes, irmãs?—Fallei
Com um muro que desabava,
E um diadema, que tombava
De uma cabeça de rei.

BABYLONIA

Eu ouço-vos, irmãs! A vossa multidão
Ruge em torno de mim, como um grande tufão.
Para engrossar melhor o clamor vós bateis
Imperio contra imperio, em um compasso rudo,
Espada contra espada, escudo contra escudo,
E povo contra povo; enfim, reis contra reis.
Eu vos escuto! e ainda, irmãs, não vos enxergo.
Não vos vejo através das muralhas que habito.
De mil deuses ao peso enorme a fronte vergo,
Reposo-a sobre os meus joelhos de granito,
E, como uma mulher fatigada, dormito.
Para os nomes dizer dos ídolos que adoro,
Da lingua e da memoria a fraqueza deploro;
Innumeráveis são; é mais facil contar
As flores da floresta, as areias do mar.
Irmãs, tenho uma idéa:—o que diríeis vós
Si em magica caldeira arrojássemos nós
Amuletos de bronze, abutras, serpes de ouro,
Misturássemos tudo, e nesse fervedouro
Fundíssemos um deus, dando-lhe um nome só?
— Não perderemos mais, dos caminhos no pó,
Da peregrinação dos tempos nas viagens,
Dos deuses da lareira as queridas imagens.
Um válido colosso, immenso, illimitado,
Do mundo em qualquer parte acharemos ao lado,
Intermino gigante;— um deus, que de um só passo,
Possa os tempos transpor, possa transpor o espaço.

AS CIDADES

Sois a maior de nós, e tendes mais idade.
Que devemos fazer?

BABYLONIA

Vamos! Cada cidade
Apparelhe e retome o seu carro estridente,
E todas volteae vertiginosamente,
Como em magica dança, arquejante e veloz,
Em torno da caldeira; e, umas de outras após,
— Bactres, lança-lhe deitro a divindade vã
Do teu bronzeo centauro; os teus dragões do Iran,
Persepolis;— apanha, oh Memphis, do teu Nilo
As escamas subtile do voraz crocodilo
Do teu culto sagrado. Oh Thebas de cem portas,
Porque vacillas tu? que fazes, que não cortas
Da tua negra deusa as annelladas tranças?
Ninive, porque ainda hesitas, que não lanças
As estrellas da mitra?—Um robusto elephante
Póde, Sabá, trazer, com passo vacillante,
Teu vasto, eburneo deus, millicipite, annoso,
Deitado em seu pagode immenso e sumptuoso.
Passae, correi, gyrae, vertiginosamente,
Com magico furor, cidades do Oriente;
Emquanto volteiaes na rapida carreira,
Misturo terra e céus no fundo da caldeira:

AS CIDADES

Vemos sempre surgir desse trabalho estranh.
Deuses de ouro, de bronze e cobre e ferro e estanho.

BABYLONIA

Mais eis surge tambem o idolo colosso
Da caldeira do mundo ao fervido alvoroço,
Que borbulha e transborda, e fumegante estala,
Com horrído estridor, que os muros nos abala.
Faltam-lhe garras, bico, azas para voar.
E os anneis de reptil para no chão rojar.
Ei-o que sobre os pés, como um homem, se alteia.
Em verdade, dir-se-lia um aucião da Chaldea,
Que vivem sempre occulto em recesso profundo,
E pela vez primeira apparece no mundo.
Elóha, Jeovah, Allah... que nome tem?

JERUSALEM

Eis-me aqui.

BABYLONIA

Quem fallou?

JERUSALEM

Fui eu, Jerusalem.

BABYLONIA

Vens tu nos emprestar algum deus, sem penhor?

JERUSALEM

Eu trago-vos um deus, de todos o melhor.

BABYLONIA

Guarda, Jerusalem, esse teu deus antigo.
De que nos serviria?—E' feito como tu;
E' um deus sem abrigo,
E' um deus sempre nú
Vagabundo, através da vacua eternidade.
A noite sobrevem, e nenhum tecto o cobre;
A fria chuva cae, reboa a tempestade.
E elle não tem sequer um manto roto e pobre
Para aquecer-lhe o corpo em sua velha idade.
Triste, exilado, só, além, no firmamento,
Sem repousar jámais, batido pelo vento,
Ei-o vae, como tu, pelo deserto inteiro,
Pobre escravo, a chorar, aos açóites do archeiro.

JERUSALEM

Attendei-me! Eu vos trago uma noticia.—Eu ia,
A passo triste e lento, até a margem fria
Onde Joppe se cava em crespo mar profundo,
Bankar os pés e ver os terminos do mundo,
Meus prophetas, subindo ás torres colossaes,
Me fizeram signal de voltar para traz;
E nessa mesma noite, ao vir surgindo o dia,
Mostraram-me, escondido em uma estribaria,
Um berço;—e nesse berço um deus recém-nascido.
De uma aureola brilhante estava revestido
O seu rosto infantil. Deu-se o caso em Belem.
E disseram-me então:—Vé, vé, Jerusalem.
Como elle é pequenino! Os ingenuos pastores,
O tosco e humilde berço adornam-lhe de flores,
E unem, para saudal-o, aos canticos das avés,
Da branda, agreste avena, as musicas suaves.

THEBAS

Porque não o tomaste em cima dos joelhos?
E porque não chegaste aos seus labios vermelhos
De branco e puro leite a teta dura e cheia?

JERUSALEM

Acalenta-o gentil virgem de Galileia.

MEMPHIS

Ricas faixas acaso o envolvem, no presepepe,
Como as que têm meus reis nos tumulos de Alep?

JERUSALEM

Faixa nenhuma tem;—mas seu cabello louro
Scintilla, como o sol, vibrando raios de ouro.

BABYLONIA

Veste-lhe o niveo corpo uma mantilha rara
Que com astros da noite um mago lhe bordara?

JERUSALEM

No instante em que o fitei, o frio era-lhe a tunica,
E o vento lhe cosia essa mantilha unica.

BABYLONIA

Mas, certo, á sua porta, um par de grifos jaz;
De sob as patas deste escósa-se fugaz
Uma fonte de naphita...

JERUSALEM

Ha apenas na soleira
Dois anjos, empunhando uns ramos de palmeira.

BABYLONIA

Vamo; a vér, irmãs, esse deus recém-nado.
Voltarem os depois ao trabalho encetado.

THEBAS

Reservo-lhe um logar no templo de Luxor.
— Do portico soberbo em baixo da arcaria,
As esphinges, num grupo immovel, noite e dia,
O embararão na paz de um sonho sem rumor.

Estados de Litteratura Brasileira

GONÇALVES DIAS

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO)

Eu não quero tecer ancomios ao poeta; não sou um fazedor de elogios. Não quero trepar o escriptor maranhense em pedestal tão alto que o não possamos depois encherger. Estou o julgando em primeira instancia; estou vendo-o no meio de seus pares do Brazil e de Portugal; não o quero equiparar aos primeiros lyristas deste seculo em todo o mundo, ainda que, estou certo, elle seria bem recebido em tão brilhante companhia.

Percorramos toda a colleção de *Cantos*, e convencamos-nos que — Seus Olhos, Rosa no Mar, Lyra, Os Suspiros A Tempestade, Não me deixes, Zulmira, A Uma Poetisa, Rola, Ainda uma vez adeus, A Flor de Amor, Culnare e Mustaphá, O gigante de Pedra, Leitão de Folhas Verdes, Y-Juca-Pirama, Marabá, A Mãe d'Agua, Olhos Verdes, Menina e Moça, Velhice e Mocidade, O Anjo da Harmonia, A Concha e a Virgem, Meu anjo escuta, O Beijo, Saudades e algumas outras são bellissimas poesias, das mais encantadoras da lingua portugueza.

Não faço especial menção dos *Tymbiras*, porque não passam elles de um fragmento de poema sem caracter epico, donde se colhem apenas alguns fragmentos lyricos.

Não é preciso citar trechos e trechos de Gonçalves Dias; para comprovar o que tenho avançado, porque suas obras são de facil accesso; elle é, com Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella e poucos outros, do numero dos poetas mais populares no Brazil. Não me julgo, porém, desobrigado de indicar ainda algumas notificações para a boa comprehensão do maranhense.

Teve, como em parte já vimos, perfeita intuição do problema ethnographico em o Brazil. Não se dedez este facto da simples consideração exterior da escolha de certos assumptos. Do intimo de alguns cantos brotam as notas comprobatorias do facto.

No Gigante de Pedra lê-se isto :

« E no feretro de montes
Inconcusso, immovel, fito,
Escurece os horizontes
O gigante de granito :
Com soberba indifferença
Sente exetiuta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés;
Nem vê que dnras desgraças,
Que lutas de novas raças,
Se lhe atropellam aos pés !

Viu primeiro os incolos
Robustos das florestas,
Batendo os arcos rigidos,
Traçando homereus festas,
A' luz dos fogos rutilos,
Aos sons murmurél
E em Guanobara esplendida
As danças dos guerreiros,
E o guá u caliente e vario,
Dos moços prazenteiros,
E os cantos da victoria
Tangidos no horé.

E das ygaras concavns
A frota apparelhada,
Vistosa e formosissima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, mais que frageia,
Os ventos contrastar :

E a caça leda e rapida
Por serras, por devezas,
E os cantos da janubia
Junto ás lenhas accezas,
Quando o tapuya misero
Seus feitos vae narrar !

E o germen da discordia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rusticos
Das tribus sempre amigas,
— Tamoy a raça antiga,
Feróz Tupinambí.
La vas a gente improvida,
Nação vencida, imbelle,
Buscando as mattas invias,
D'onde outra tribu a expelle ;
Jaz o pagé sem gloria,
Sem gloria o maraçá.

Depois em náus flammivomas
Um troço lardido e forte,
Cobrinde os campos humidos
De fumo, e sangue, e morte,
Traz dos reparos horridos
D'atitissimo pavez :
E do sangrento pelago
Em miseras ruinas
Surgir gallardas, limpidas
As portuguezas quinas,
Murchos os lises candidos
Do improvido gaulé ! »

O poeta po euia a intuição historica e ethnica deste paiz, o que importa-lhe um elogio, attenta a ignorancia, porssim dizer — systematica, dos nossos homens de lettras em tudo o que se refere a assumptos nacionaes.

Presentiu, adivinhou intelligentemente a importancia das crenças fetichistas dos aborigenes. Elle não ficou na descripção puramente exterior dos costumes indigenas. — Na memoria *O Brazil e a Oceania* — penetrou-lhe nas crenças, e, logo nos primeiros versos dos *Tymbiras*, mostrou que na poesia comprehendia a importancia d'aquella região psychologica :

« Os ritos semi-barbaros dos Piagas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
D'onde, como d'um throno emfim se abriram
Da cruz de Christo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradae
Do povo Americano, agora extincto,
Hei-de cantar na lyra.. »

* E' conhecido hoje o valor especial que a philosophia e a sciencia modern em geral ligam ás crenças dos selvagens e do homem primitivo.

Gonçalves Dias, com ser muito catholico, se não dignou de demorar-se no fetichismo barbaro.

Creio que o primeiro que o elogio por esta face particularissima — foi o Sr. Teixeira Mendes; acho-lhe toda a razão, sendo preciso ajuntar que o poeta possuiu em geral a intuição do estado subjectivo das populações brazileiras, não se limitando ao velho fetichismo tupy. Os documentos desta asserção nndam esparsos por suas obras, bastando-me lembrar a *Mãe d'Agua*.

Outra nota muito particular da poesia de Gonçalves Dias é a verdade e a intensidade de tons que lhe vem de seu viver intimo, psychologico. O poeta soffreu e as recordações são a trama perpetua de sua poesia. Ainda até nas descripções de scenas ateriores, como acontecia ao seu coevo — Dutra e Mello, vinham as recordações assaltal-o.

Eu sou dn numero d'aquellea que ainda apreciam a poesia intima, recordativa, pessoal. Faço minhas estas

palavras de Francesco de Sanctis, falando das *Contemplações* de Victor Hugo :

« Indietro dunque! accettiamo le consolazioni che il poeta offre a sé, e ad altrui, e viviamo di memorie. *Autrefois!* Di rimembranza in rimembranza, di dolore in dolore, giungiamo alla nostra età fiorita, quando per noi il cielo era ancora azzurro ed il prato ancor verde: a ciascuna pagina di queste poesie è attaccata una nostra memoria, un fantasma, che ci si leva ritto dianzi, e ci dice: Ti ricordi? E noi benediciamo la poesia, che con un tratto de penna ci apre il regno della morte ed evoca le ombre de nostri cari. » (1)

O conego Fernandes Pinheiro disse uma vez que os *Canticos Funebres* de Magalhães são superiores ás *Contemplações* de Hugo. Eu não conheço uma igual heresia em critica litteraria. Não cahirei no lapso de julgar superiores os *Cantos* á obra magnifica do poeta francez — que se me antolha a melhor de quantas produziu. Nem é mais aquelle lyrismo limpido e brilhante, mas de curtos horizontes das *Odes* e *Balladas* e das *Orientaes*; não é tambem aquella poesia ousada, de largas perspectivas, mas palavrosa da *Legenda dos Seculos*, da *Piedade Suprema* e dos ultimos livros do poeta. E' um lyrismo valente, impetuoso, arlente e ao mesmo tempo reflexivo, meditabundo, um consorcio soberbo de philosophia e poesia. Creio não errar dizendo ser aquelle bello livro a obra *maitresse* do poeta francez. Os *Cantos* do nosso patricio não chegam tão alto; porém supportariam muito melhor o paralelo do que os *Canticos Funebres* do poeta fluminense.

Em todo o caso, o pensamento de De Sanctis sobre o papel das recordações, das memorias d'alma na poesia de nosso seculo, é applicavel aos *Cantos*. Ha alli muita composição mimosa que são como folhas arrancadas do coração de cada um de nós todos os que temos soffrido na vida. Ide procural-as, que as encontrareis.

SYLVIO ROMÉRO.

(1) *Saggi Critici* di Francesco de Sanctis, terza edizione, Napoli, 1874.

VOLTA AO PASSADO

A HENRIQUE DE MAGALHÃES

Vinde, Senhora; vou mostrar-vos tudo
Que inda resta daquelle amor ardente...
Quero que o vosso olhar indifferente
Lanceis sobre essa historia a que eu alludo.

Vereis: que desso, outrora tão agudo
Soffrer, meu coração não se resente,
Hoje que ao peito vive unicamente
Abroquelado como num escudo...

De minha vida a estrada é toda espinhos,
Porem que vos importa esses caminhos
Sejam só dóres e desolação?...

Chegamos; eis o amor de que eu fallava,
Vede o que resta dessa ardente lava :
Cinzas sómente junto ao coração !

PEDRO RABELLO.

Alcibiades Furtado

Da primeira vez que nos vimos, interpóz-se entre nós o cordão sanitario de uma antipathia mutua.

Já da ba muito o conbecia eu, graças á lingua piedosa de amigos communs, como um selvagem, nm original; e os nossos primeiros encontros confirmaram taes informações. Physicamente, desagradou-me sobremodo a figura doentia e (porque não o direi?) quasi feia do poeta paraense, em cujo todo o franzino da compleição punha une leves toques femininos. E, o que mais é: á minha natural sem cerimonia, oivada de uns restos le brutalidade soldadesca que eu adquirira em anno e meio gasto nos convívios do alojamento, reputava, pelo contraste, a reserva desse rapaz circumspecto, abroquelado sempre num acanhamento quasi casmurro de calouro tímido.

Aconteceu por isso que, vivendo nós ambos sob o mesmo tecto, comendo ambos á mesma mesa, mal trocavamos os cumprimentos que a delicadeza, em taes condições, impõe como um preceito. Creio mesmo que, não raro, furtamos-nos a essas exigencias da boa sociedade.

Logo por esse tempo, a saude das grandes arvores amadae, á cuja sombra nest e momento evoco estas reminiscencias velhas, arrancou-me da Paulicéa, regressando eu dae férias extraregulamentares, sobrevieram os exames; de modo que só no anno seguinte, em 1883, circunstancias fortuitas ocorreram e approximaram-me do Alcibiades Furtado.

Deram-me a lór os vereos que elle então começava de publicar; foi-se a pouco e pouco a delgaçando, até desfazer-se, o cordão sanitario que nos separava... e dali atamos as boas relações até hoje não descontinuadae.

Um facto de insignificantes apparencias, mas de alto interesse na biographia do poeta, fez-nos intimos e, durante certo periodo de tempo, inseparaveis companheiros:—uns pequenos amores d'elle, do Alcibiades. . .

Supponho que esta indiscrição em nada affecta a grave respeitabilidade de um futuro magistrado...

Foi o caso que na Penha, certo dia, ouvi, com paciente resignação, todos os capitulos do romance. . .

Nem já conservo recordações do trecho d'elle; mae ainda me entrelembro de que se tratava de uma rapariguita loura, mediocremente formosa que, por aquella epoca, semeava em redor de si muita inspiração o mnitas rivalidades.

As confliencias do Alcibiades Furtado provam bastante a amizade que nos ligava; e outro não é o motivo por que, com muita independencia, ecrevemos hoje o nosso *elogio mutuo*.

E' difficil, impossivel quasi, transformar a vida do um rapaz de 25 annos incompletos em draua rico de peripecias interessantes; mórmente quando elle, estudante em S. Paulo, nem ao menoa deixou chronicas escandalosas no Schomburg ou qualquer outro logar equivalente. Ahi vai, antretanto, a do Alcibiades :

Nasceu na cidade de Belém do Pará, aos 26 de Dezembro de 1862.

O poeta não se recorda mais da primeira impressão que lhe fez na retina

o grande e rubro sol das paragens equatoriais, é porém de supprêr que a calentura delle cedo o predispuzesse aos arroubamentos da Poesia e á inclinação pelas raparigas louras.

Seu pai, o Sr. Francisco Raymundo Furtado e sua mãe, D. Thereza Josephina de Castro Furtado, previram que o seu filho havia de illustrar a terra de D. Romualdo de Seixas e do visconde de Souza Franco; e resolveram fazer delle, para começar, um bacharel como toda gente.

O Alcibiades entrou no lyceu de Belém, fez os preparatorios e, em 1881, seguiu para o Recife, no intuito de travar conhecimento com as Institutas.

Logo o desejo de correr terras, e de conhecer S. Paulo, cuja Faculdade meia duzia de moços de talento celebrizavam, fel-o discipulo, por sua desgraça, do Dr. Falcão, que Deus haja, e do Antonio Carlos, que Deus conserve.

Corria o anno de 1884, e o Alcibiades, como acima disse, dependia dos dois.

Por esse tempo, os estudantes de S. Paulo, esquecidas as memorias do grande rói de 1878, eram uma carneirada, que a Congregação dirigiria a pau, si preciso fosse ou lhe fosse conveniente.

Entretanto, — caso estupendo! — o 4º anno, em Novembro, constituiu-se em grêve. Reuniram-se os rapazes, deliberaram não prestar os exames.

Mas a resolução era demasiado heroica para todos... Occorreram deserções, as delações começaram. Os cabeças do motim, como o Alcibiades, fizeram a trouxa, e abalaram para Pernambuco, fugindo ao R, ao tempo em que os demais collegas, nauseantes e cahisbaixo, pediam cartas de empenho e faziam-se perdoar a troco de condescendencias torpes.

Mesmo entre os moços, ai de nós! é tão raro actualmente ter vergonha! Foram poucos, bem poucos, os que ás vantagens offerecidas aos que ficaram preferiram partir e, partindo,

... conservar a mano

Pura e la mente...

Em 1885, Alcibiades foi recebido bacharel e, logo depois, despachado promotor para Ponta Grossa.

Lá esteve, lá deu denuncias, lá fallou em nome da justiça publica; e tudo isso fez elle com muito assento, como quem já sabe do officio.

Agora, quer que o façam juiz municipal.

Hade sel-o, e excellente. Porque o Alcibiades Furtado é uma prova de que os versos e as leis podem fazer liga. Verdade é que lhe acontecerá muitas vezes, nas audiencias, á voz monotonada dos escrivães, desattender aos requerimentos das partes e abrir as azas para as regiões serenas do Ideal... Mas, tambem, elle não quer ser jurisconsulto, nem fazer parte do Supremo Tribunal de Justiça.

A tudo prefere a sua Musa; quer um fogar no Parnaso: e ha-de tel-o. Hade tel-o, porque lhe sobeja talento, sobeja-lhe inspiração e, o que mais vale, não lhe falta amor ao trabalho.

Não é ainda um poeta consagrado pela estima; mas os seus amigos que conhecem do riscado e lêem-lhe os versos manuscritos, têm confiança nelle.

Esperemos o seu proximo livro de versos, já quasi prompto.

J. DIAS DA ROCHA FILHO.

Sendo, qual era, nosso amor profundo,
Para um logar distante má levaram...

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Lucinda, a meiga, e Laura, a bella peccadora,
No instante de partir (pois tudo parte um dia)
Vi-as a soluçar, a ultima vez que as via,
Nem me pesou de as vér por largo mar em fóra.

Mui diversa, porém, foi de certo a alma fria,
O desdenhoso amor de altissima senhora,
Que hoje se parte e vai sem se lembrar dessa hora
Em que juras de amor e enganos prometia.

Tive ao tomar-lhe a mão a hypocrisia louca
De o semblante mostrar, sereno, brando e liso...
Mas tanto a dôr de amar nos magôa e soffoca,

Que quando grave, altivo, o mudo labio friso,
E me ageito a sorrir... dos olhos té a bocca
A lagrima desceu para gelar-me o riso.

JOÃO RIBEIRO.

O paquete «Gironde»

A JOSÉ TELHA

Já fazia muito claro e ainda Nené e Ritinha se espreguiçavam nos refolhos dos lenções quentes que aromatizavam com seus corpinhos de virgens. No quarto havia um vago cheiro de leite almiscarado, onde se misturava o pó de arroz Pivert em exalações de puberdade. Nené foi a primeira a acordar. A cama dava para a janella por onde a luz penetrava ás golpadas enchendo o aposento. Nené, bocejando, espiou para o céu, muito azul, onde as nuvens se agrupavam como carneirinhos em sete pedaços iguaes que uns atrás dos outros deslisavam mansamente.

— Acorda, Ritinha, olha, vem vér como o céu está bonito, disse ella. E a Ritinha nem boliu.

Ao longe a aragem era forte, sacudindo os ramos pesados das arvores que se esfacelavam, hrigando uns com os outros em grandes chicotadas. Muito em baixo um pinar sombrio com laranjas de ouro, que picavam estridentemente aquelle verde negro muito uuido onde a sombra fazia umas trevas de horrorisar. Pouco depois seguia-se um caminho pardo e estreito onde uns cães ladravam lugubrememente. Depois eram series indefinidas de montanhas que se perdiam descorando, inuito pallidas, inuito pequeninas. E Nené mergulhava na brisa a carinha de somno, apertando os olhos por causa da luz que era muita. Então uma rajada de vento mais forte penetrou silvando e bateu-lhe em rosto, fazendo voar os cabellos soltoe e enchendo a camisa decotada por sobre o corpo nú. Nené estremeceu toda e os proprios peitinhos virgens e redondos se espevitaram, sentindo-se violados pelo vento.

— Que frio... murmurou encolhendo-se e apertando o lençol contra si. Obrigada a deitar-se, já não via mais os laranjaes negros picados de ouro. Nem tão pouco o caminho estreito onde os cães ladravam. Só virando-se de lado é que percebia as ultimas montanhas muito pallidas, muito sumidas e no céu azul os sete carneirinhos, que uns atrás dos outros, deslisavam mansamente.

— E a Ritinha nada de despertar, cada vez mais enterrada na cohera. Nené já não sabia o que fazer, já a tinha chamado tres vezes.

— Acorda, meu bem; olha, que já é tarde; isso faz mal... sabe de uma cousa? eu tenho uma historia para te contar muito engraçada. — E a Ritinha nem caso.

— Você não ouve? anda, deixa de brincadeira, levanta, meu bemsinho. E nada, hein?... Espera que eu já te ensino...

E puchando pelo travesseiro agarrou-o com as duas mãos e varejou-o em cheio. A Ritinha, atordoadada deu um pulo da cama e pisando o tapete com os péas nús atirou-se sobre ella.

A distancia entre as duas camas era pequena e assim o ataque foi rápido. Nené, deitada e transida e depois, não esperando pelo vult, conservou-se prostrada. E ficou vencida, mesmo porque a outra tinha mais força.

— O! lá vem você com as cocegas... eu já disse que... ai!... que não gosto... ai! ai! ai! — eria-se a não poder mais, suffocando as phrases, vencida pela cocega — ai!... ai! — e tinha uns gritinhos de deflorada, destacados, que enchiam o aposento de alegria.

A Ritinha, de cima, conservava-se muito séria, com os olhos cheios de somno, agarrando Nené pelas axillas que excitava com os dedos. E depois começou a descer minuciosamente pela flancos e pela cintura, e a descer, a descer, no meio doa mais energicos protestos.

— Ai! isso não!... não faz cocegas ahí!... não!... não!... por amor de Deus... ai! ai!... sua... — e enguliu no riso um termo brejeiro — ui!... você é porque me pilhou descuidada... isso... isso... não vale... E se estorcias toda, suffocada. Os lenções e colcha nesse interim se tinham amassado aoe poucos, fazendo rugas cada vez mais a — conchegadas até descobrir o corpo. Por fim tanto o de baixo como os de cima faziam um bolo em um canto, deixando a nú o colchão onde se espojava o corpo de Nené em camisa.

Ritinha, causada de fazer cocegas e pilhando aquella nudez a queimadura preferiu mudar o plano de ataque e caliou-lhe em cima de palmadas. Mas então é que Nené pode mover-se, ganhando forças com o novo genero

de peleja. E virando-se de lado para alliviar as partes maie carnudas, desforrava-se na mesma moeda em Ritinha que tambem estava em camisa.

— Toma esta outra!...

— Ui! ahí doe muito; — nhi não!

— Pois é para aprenderes a me jogar o travesseiro.

— Olha, que eu te morde, hein?!...

O combate então tornou-se muito forte e renhido; por isso mesmo extinguiu-se logo no meio de risadas.

— Vai te deitar... anda! basta, que eu estou cansada... chi!... olha os meus lenções como ficaram... e este vento frio... a brincadeira vai dar em ficarmos as duas constipadas, deits, anda!

Neste momento um rumor surdo no quarto visinho assustou-as muito. Era o quarto do tio Araujo, casado, que dormia ausente da mulher. Ouviu-se um pisar arrastado de chinellas, de quem toma os primeiros cuidados matutinos. As duas meninas, atemorizadas encolheram-se ambas nas camas e escutaram-

Fez-se silencio, e só se ouviram as respirações contidas das duas e ao longe os latidos lugubres dos dous cães.

— Chi!... olha seu tio que acordou: e nós na pandega, hein? e se ouviu tudo?

— Não ouviu nada... qual! a parede é grossa. E, depois, que ouvisses; que é que tem? então a gente não pôde brincar?... E logo quem? tóas sei eu delle...

— Me conta, fez Nené.

— É' uma historia que meu primo Henrique me contou; mas você não ha de dizer nada a ninguem! ouviu? nem piada.

— Sim, sim; não digo nada.

— Pois uma vez de noite nós iamos para o theatro Lucinda; (eram os papai, Linco, o Henrique e eu); e, você sabe, o theatro Lucinda é lá para as bandas daquella rua... como é mesmo que se chama?

— Não sei, mas não faz mal...

— Pois bem, o caso é que se pára no largo do bond e vai-se pela rua da Carioca. Pois bem: nós naquella noite passávamos por essa rua, quando vimoe Tio Araujo, sabindo de uma casa; eu fui quem vi primeiro... mas elle correu tanto que eu quasi não conheci, e mostrei a meu primo que ia comigo e que, como você sabe, é um grande pandego. — «Quem? disse elle, tio Araujo?» — Sim, creio que é elle; vai alli! — O Henrique, deixando o braço, apressou o passo e ngarrando pelo paletó, trouxe-o, rindo-se.

— Você não imagina, Nené, a cara de tio Araujo, muito vermelho, a cumprimentar a todos. E o mais engraçado é que, sem ninguem perguntar, elle desculpava-se, muito encalistrado por não ter visto, dizendo que tinha ido tratar de negocios de politica... que o occupavam... que sahia da casa do Deiró, etc...

— Bem, mas o que é que tem?

— Você não comprehendeu?... é verdade que eu tambem não entendi logo e quiz mesmo acreditar no que tio Araujo disse se não fosse a cara delle e a de meu primo que si ria a perder-ae. Depois é que eu souhe, fazendo elle confessar tudo.

— Donde é que ello sahia então?

— Era de uma dessas mulheres... você sabe...

E as duas riam-se muito com a pilheria. No silencio ouviu-se de novo o la-

drar dos cães e ao lado o estrepito suave e discreto do tio que se lavava, honestamente.

— Que massada de cachorros! disse Nené.

— Mas você chegou bontem e ainda não me contou nada do que aconteceu entre você e aquelle moço, o Raul, enquanto estava lá no Norte.

— Pois bem; mas eu não dei a entender na carta?!

— Sim... que quasi... aquella vez... mas aquella outra da horta você ainda não me disse nada.

— Pois eu não disse? até... não se lembra?... de noite...

— Fêz gestos expressivos.

— Sim, mas eu não compreendi nada, conta agora com todos os pormenores que ha de ser muito interessante.

— Pois bem, que horas são?... devem ser sete e tanto que agora mesmo ouvi o relógio bater. Temos tempo.— Fêz uma longa pausa e respirou. Depois proseguiu.

— Logo que eu cheguei lá em casa de minhãmadrinha, fiquei gostando muito de todos; só daquella velha, a D. Côra, é que eu tinha muita raiva por ser muito rabugenta. Minha madrinha me tratava muito bem, passeavamos juntas no mercado, de manhã; depois almoçávamos e trabalhávamos até 11 horas, meio-dia, etc... depois iam preparar a toilette para o jantar. A tarde sabíamos de carro de passeio por aquellas ruas todas, fazendo um figurão. De noite em casa é que era uma festa. Você sabe, meu padrinho, presidente da provincia, recebia aquelles grandes todos e era obrigado portanto a ter a casa a noite arranjada para as visitas. Em qualquer festa maior então é que havia soirés, dançava-se muito e dormia-se tarde. Fôra disso a gente se deitava às 10 horas, depois de todos se retirarem. A's vezes mesmo eram só homens e nós não iamos á sala. Mas isso não vem ao caso.

— Havia toilettes bonitas? moças chiques?

— As moças eram assim, assim... muito molles, sem graça, e vestiam-se muito sem gosto. Os rapazes, sim, eram mais sacudidos e fallavam melhor, porém... Olha! Ritinha que pandega! ah! ah! — e Nené prorompeu em gargalhadas.

— Ella tinha-se levantado um pouco e mergulhava a cabeça na jauella, rindo-se.

— Mas o que é.

— Nada: São dous cachorros... ah! ah!...

— Deixa de tolices... vamos... conta. E Nené voltou á historia.

— Onde é que eu estava? ah! Então, como eu ia dizendo, o facto é que divertia-me bastante. Logo nos primeiros dias que vi o Raul achei muito tolo; ria-se por qualquer cousa. Você sabe? Esses moços que procuram a todo o proposito fazer espirito. Mais elle pouco foi-se modificando, não sei si com o tempo, não sei si com os estudos mais sérios de medicina, de sorte que em pouco tempo eu fui gostando mais d'elle e achando-o mais bonitico. Elle, lá por si, creio que ficou logo apaixonado e com muita facilidade.

— Pois é geito que eu não tenho: ainda não achei quem se apaixonasse por mim.

— Isso é questão de tempo e felicidade. Uma vez que se dançava, elle me tirou para valsar; eu aceitei (note-se que até então elle me tinha tratado com toda a seriedade). Pois bem; demos uma ou duas voltas e assentámo-nos,

conversando sobre qualquer cousa; eu me lembro perfeitamente que elle estava muito atrapalhado e não sabia o que dizer. Disse que fazia muito calor, que o chão estava muito onvernizado e que escorregava e fallou na atmosphera muito pesada; em summa mil cousas que me davam vontade de rir. Assim foi até a hora do chá. Na mesa elle me deu o braço e sentou-se a meu lado servindo-me sem fallar quasi, cochichando baixo e rindo-se com um sujeito que estava ao lado. O sujeito que era gordo e de snissas dava muita importância á elle por ser filho do presidente e de vez em quando berrava alto para as outras pessoas que estavam do lado opposto. E assim se passou o tempo até a hora da despedida. Quando todos foram-se, eu já tinha fallado com a gente de casa ia subindo a escada, elle passou muito depressa e agarrando-me pela cintura, quiz me dar um beijo; mas foi tão desastrado que bateu-me com o nariz na cabeça e desatou a correr pela escada acima. Ah! ah! que pandega! No dia seguinte ás 11 horas fui buscar uma cousa no quarto, quando encontrei em cima da mesa uma carta e... Era d'elle.

Dizia essas tolices que você sabe: — que me amava muito, que eu não sabia corresponder a seu amor e que, si assim continuasse... que pandega! ou o ferro ou o veneno havia de lhe tirar a vida. E que, si eu quisesse ter pena d'elle, que apparecesse na horta no dia seguinte de manhã. Eu não pensei que aquillo fosse tão serio e em parte por curiosidade, em parte, mais por pilheria, fui lá ter.

— Você já me contou isso na carta. Que elle até te abraçou... quando veio gente.

— Pois sim, como você sabe eu fui e quando elle appareceu, fiquei com tal medo que quasi corri por alli a fora. Elle, sem dizer palavra, me agarrou, abraçou e deu um beijo; eu nada podia fazer, tinha as mãos muito frias, e sentia no estomago um peso muito grande e a cabeça me queimava de sangue.

Eu devia estar muito vermelha. Senti que elle me agarrava no pescoço e queria desabotoar o casaco. Foi então que ouvimos entre as arvores um barulho de passos e fugimos cada um para um lado.

— Mas sua madrinha não soube de nada!

— Creio que não; pelo menos fingio que não sabia; o caso é que não me perguntou nada.

— Sim; mas e a outra vez?

— A outra vez foi na vespera de eu partir do Norte; era no dia 14 e eu parti no dia 15. O caso é que dahi por diante elle não me fallava quasi e sempre que me via não me tirava os olhos de cima. Uns olhos de peixe ensopado, sabe? de cabra morta, que fazia pena. O caso é que...

E Nené perdeu-se mais uma vez, mergulhando de novo o olhar na hrisa. Agora já o sol estava mais forte e o céu muito mais claro, só tinha seis carneirinhos; assim mesmo disformes e estropiados. Nené parou um instante a olhar os um por um e só contou cinco, porque dois propriamente não se destacavam quasi, confundindo-se em uma só massa. E Nené proseguio.

— O caso é que no dia 13 de manhã encontrei no meu quarto um outro bilhete. Esse era mais serio e mais apaixonado a ponto de commover muito. Eu fiquei excitada todo o dia e

respondi a elle que sim e que aceitava o rendez-vous que elle me marcava para o dia seguinte á noite. Nesse dia de manhã recebi da Corte uma carta de papai que me dizia que sem falta viesse com seu Chico no paquete Gironda que partia de lá no dia 15. Ora veja você... si demorasse mais uns tempos, hein?...

— Mas no fim de contas, disse Ritinha, você deve dar graças a Deus porque elle não tinha nada a perder e você tinha tudo.

— E' que você então não compreende, filha? você sabe que elle é muito rico e que eu sou menor e então?... E' preciso a gente não ser tola e saber se arranjar. Olha que eu já tenho muita experiencia da vida.

— Pois bem; continua, vamos!...

— Então, como eu ia dizendo, nesse dia em que havia grande recepção estavam todos muito entretidos na sala quando elle me tirou pelo braço. Mas antes disso é preciso lhe contar o mais importante. E' que eu na vespera não me lembrava do dia 14 do mez e foi sem pensar que, como uma tola, marquei o rendez-vous.

— Mas então o que é que havia? ajuda não comprehendendo, voltou a Ritinha intrigada.

Nené, baixando a voz, disse quasi no ouvido della um segredo, ficando muito vermelho.

— Ah! então era isso!... e eu que não entendia a sua reticencia, ora esta!... ora, mas que pandega!

E todas as duas riram-se muito.

— Pois bem, continuou Nené, quando elle me deu o braço e me levou para o fundo da horta, eu fiquei de tal modo envergonhada que tapava o rosto com a mão. Então elle quiz recommençar a scena da outra vez e sem dizer palavra me agarrou. Eu muito assustada dizia não! não quero! não posso! E elle cada vez me segurava mais e já me ia desabotoando, quando eu, não podendo mais me conter, soltei-me das mãos d'elle e corri por alli a fora, que nem uma louca. Lá dentro passei pela sala de visitas onde esta'am tocando os lanceiros; aquelle pedaço, sabe?... ta-ta-ta, ta-ta-ti, ti-ti-ti... — e Nené cantou um pedaço da musica.

— Corri então para o meu quarto, fechei-me por dentro e chorei toda a noite.

As meninas fizeram então uma ligeira pausa. Os cães, lá fora, já não ladravam. Os laranjeas, com o crescer do sol horrorisavam cada vez mais, com trevas mais intensas de um verde negro; o caminho secco e amarello se illuminava, ardendo; e as ultimas montanhas, cada vez mais sumidas, empallideciam de pequenias. No céu, meus azul, Nené poz-se a contar os carneirinhos que cada vez se estropiavam mais como um rebanho em derrota e reduzidos a quatro, a fallar com precisão, deslissavam uns sobre os outros mansamente. No quarto, cheio de sol, com o calor que apparecia, aumentava o cheiro forte de leite almiscarado e sobre as camas os dois corpinhos, ajuda repousavam debaixo dos lençoes quentes.

— Afinal, disse a Ritinha para rematar; afinal, isso foi uma boa pilheria mas o caso é que voce ficou lograda e nada conseguiu.

— E' verdade, voltou Nené espreguiçando-se, fiquei lograda... Oh! si aquelle paquete quizesse esperar mais alguns dias!... Maldito paquete!...

— Maldito paquete!...

COUSAS DA VIDA

Encontrei-a por acaso, ao alvorecer, indo a banhos de mar alli no boqueirão do Passeio, eu, que passara uma noite de cachorro assistindo extinguir-se lentamente o pavio da existencia de um tuberculoso.

Um sabio hippocratico armado de fortes o bem combinados reactivos espaventa-lhe a vida, que ha tres mezes pestanejava, até que pelas quatro e tanto daquella manhã, o tísico soprou num desabafo de tedio, e de uma vez para sempre a tal cousa pela qual hoje em dia é preciso lutar.

— Oitudo! Custou, mas foi-se.

Lá o deixei num triste catre, olhos semicerrados, branco, escaveirado, de cavernas para o ar, como quem arqueira, sob a claraboia através da qual recebia o quarto os primeiros alvares.

O amor mundano roera-lhe o sacco das moedas, a vergonha e as carnes; restava-lhe a carcassa, secca de medula, imprestavel mesmo para estudos de osteologia; um verdadeiro *poisson d'avril* para os vermes do *Cajú*.

Deixei-lhe junto á cabeceira, dorrendo-se em lagrimas, um côto de vela tomado como emprestimo ao visinho, um idiota-esperto que esmolava para as santas almas, tres vezes por semana. A' madama da *maison garnie* communiquei a *infausta*: — *quel malheur!* exclamou a birria que, ao receber o Mello Pimenta como inquilino em sua casa, explorou-o concorrendo com as suas *representações* de modo ao inexperiente rapaz *marchar no meio*, o que quer dizer — *sahir de embrulho*, finalmente.

Denuncio esta madama velhaca que hypnotizou o Mello Pimenta a ponto de pensar este que o *mundo se acabava!*

Enfim isto é um caso passado, Não falemos em cousas tristes.

Eu dizia tel-a encontrado indo a banhos de mar, de madrugada; sonhei uma mulher assim — perfeição sem par, uma mistura de candidez e malicia, uns olhos... que olhos!... desses que engolem a gente e espremem-nos a alma até as lagrimas do desejo.

Um bond da Carris Urbanos foi o vehiculo deste amor que beliscou ao mesmo tempo os tres angulos do meu coração.

Sentei-me num banco immediatamente posterior ao della, e durante a viagem fui soffrendo a gostosa tortura de uma paixão, que chegado o momento não pede licença para estourar.

A nuca, ai! tentação... e as orelhas? — duas conchinhas roseas, estive quasi a trincar-lhe o lobulo, desejava ver brotar no extremo daquella perfeição o brilbante e transparente ruhim do seu sangue... sangue! porque, saibam-nos eu sou uma fera!...

Titim!...

Ella apeou-se.

Eu me apeei.

A creada seguiu-a.

Eu segui a ambas.

Ellas entraram no Estabelecimento de Banhos.

Eu tambem entrei.

Cinco minutos depois ella passava na ponte, dominando, mettida nos seus calções e saiotas de flanela e azul, á maruja, os pésinhos enfiados nos sapatos de cordas e linho, coifa de encerrado abraçando os cabellos em rodilha a laia-de-cobra.

Vae bamboleando o corpo airoso, linda, linda, e o sol que emergia ver-

melho como um pimentão, ao vê-la, como que deu um mergulho.

Desce, sempre graciosa, a escadinha que conduz a praia, olha para o terraço e dá comigo; a projecção daquelle olhar deslumbrou-me.

Quando o banhista tomou-lhe da mão para fazê-la entrar na agua, tive impetos de esganal-o.

Pouco a pouco vas immergindo, as aguas ladronas roubam à vista dos curiosos parte do corpo lindo; ensacam conjunctamente o mergulho um, dois e... someu-se ambos; outra vez, um, dois e... prompto! quando jeu suppunha-a Venus surgindo do seio das ondas... oh! decepção! a mascara desfizera-se nas aguas, que horror! a mulher pintava-se!...

Fui ao passeio, ao atravessar a ponte entre os obeliscos vestidos de bera, vi que passava ella, a horror, linda como antes do banho, e seguindo-a pressuroso, um coitado que, amanhã irá ver o que eu vi, e lhes contei.

Desenganem-se, mulheres; não se é eternamente moça, nem eternamente bella!...

J. G.

BEDUINOS DO AMOR

Ha quem, por aviso das serpentes
Que a sebe en flor infestam, fuja della;
E, quando longe, nos aereos ardentos,
Volva os olhos que acerbo pranto estrella.

Outros, porém, risonhos, inconscientes,
Calmo o verdor penetram, sem cautella...
De alguns sei, que, estancada a sede, aos
quentes

Desertos voltam, cegos á procella.

Aquelle ao proprio seio a destruidora
Magua ceva; este a chaga traçoira
Orvalha em prentos da mulher traidora...

E ai do que afflicto lucha a vida inteira,
E cae, sem ver, na inflada curva loure
Do céu, sem nunca ver uma palmeira!

ALBERTO SILVA.

THEATROS E DIVERSÕES

S. PEDRO DE ALCANTARA

Realisou-se no sabbado ultimo a primeira representação do drama *Constitucionaes Miguelistas*. É uma peça de feição antiga cuja acção se passa em Portugal por occasião da guerra civil entre D. Miguel e D. Pedro.

Ao publico especial a que é destinada não podia deixar de agradar, e muitissimo, quer pela contextura, quer pelo desempenho.

Um positivista, desejo de verificar alli a affirmação de que na sociedade perdurem ainda camadas pertencentes aos dois estados anteriores ao *positivo*, acharia naquella plateia sobrevivencias completas do estado *theologico*.

JOCKEY-CLUB

Assistimos no domingo proximo passado ás magnificas realisaes neste Prado.

Extraordinariamente concorridas pela nossa primeira sociedade, effectaram-se de maneira a não suscitar protestos.

CLUB DOS TUCANOS

Esmerou-se gallardamente a distincta e mui estimada sociedade Club dos Tucanos com o 30º sarão que effectou no sabbado passado, para solemnizar a distribuição dos valiosos e delicados premios a nove socios vencedores do torneio de bilhar e concurso de bagutela, sendo entregues por interessantes senhoras esses premios aos conquistadores.

A concurrencia foi grande e notava-se nos salões: muitos e elegantes senhores e cavalheiros distinctos, e entre estes as commissões de varias sociedades. Apoz uma opipara e caprichosa ceia, durante a qual trocaram-se muitos e cordiaes brindes, foi distribuido abundantemente o excellente n. 3 do espirituoso periodico *O Tucano* colaborado por socios, e aliás com muita habilidade.

O delicioso baile prolongou-se animadamente até ao amanhecer, e a illustre directoria foi, como sempre, inexcitavelmente amabilidade para com todos os seus convidados.

SOCIEDADE RECREATIVA S. JOSÉ

Na realidade, esteve sublime o sarão que esta digna e sympathica sociedade realizou no sabbado passado, com um crescido numero de gentis senhoras e cavalheiros, sendo difficil dançar se pela agglomeração de pares, porém, o baile que foi perfeitamente dirigido correu animadissimo, cessando em pleno dia.

Nada mais se podia desejar: boa musica, magnifica ceia, obsequios e attentões dispensadas pelos dignos cavalheiros da directoria a todos geralmente tudo isso reunido muito concorreu para tornar sempre lembrada esta agradabilissima noite cheia de attractivos.

Diversas Publicações

BREVES CONSIDERAÇÕES PHILOSOPHICAS sobre a instrução e educação publica e social do Brazil, pelo Padre Tito Affonso Capellani.—Campos (Rio de Janeiro).—Editor—Silva Carneiro.—Typ. Au Louvre.

O titulo da obra basta para indicar a importancia do assumpto.

NEVAS MATUTINAS, poesias de Rodrigo Theophilo Gomes Ribeiro, precedidas de um prologo de Mucio Teixeira e de uma apreciação de Servilio.—Imprensa Mont'Alverne.

Poetas por poetas entendidos;
Poetas por poetas sejam lidos.

A palavra, portanto, ao autor do prologo para que interponha, por nós, juizo sobre o livro do joven poeta. Pertencem-lhe os seguintes conceitos: « Os vereos são facéis e espontaneos; duas qualidades estas rariesimas em nossos dias, mas indispensaveis em todas as épocas.

Nota nelles falta absoluta de observancia de regrae (que considero indispensaveis) e um ou outro ligeiro descuido, como sejam as applicações de

phrases amontoadas, sem que a idéa precise de tantas galae para realce do proprio esplendor.

« Isso, porém, não pôde ser levado á barra de um tribunal severo e decisivo tendo em consideração os verdes annos do poeta, e muito especialmente a sua muito pronunciada vocação poetica. »

O HOMEM, romance por Aluizio Azevedo.—Terceira edição.—Imp. Typ. de Adolpho de Castro Silva & C.

O successo deste livro está perfeitamente assignalado pelo apparecimento de tres edições em um periodo de menos de dois mezes.

O autor deve estar satisfeito e eentirse estimulado para proseguir na gloriosa tarefa de acclamar o romance naturalista ao solo do Brazil.

Mais de espaço nos occuparemos deste novo documento que Aluizio Azevedo nos exhibe da pujança de seu talento.

REVISTA TRIMENSAL do Instituto Historico Brasileiro.—Tom. L.—3º Folheto de 1887.—Typographia de Laemmert.—O volume distribuido contém diversos trabalhos, cuja importancia não temos necessidade de encarecer. O valor da Revista do Instituto ha muito que se acaba altamente cotado pelos que estudam a historia patria.

Eis os trabalhos publicados: — *Amador Bueno*, memoria lida em sessão do Instituto, pelo Dr. Moreira de Azevedo; — *Diario de viagem philosophica pela capitania de S. José do Rio Negro com a informação do estudo presente*, pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira; *Vida e feitos de Dom Frei Miguel de Bulhões e Souza, 3º Bispo do Gram-Pará*, pelo Dr. Cesar Augusto Marques; *Viagem do presidente Dr. Alfredo de Eschagnolle Tanay ao rio Iguassú, provincia do Paraná, em Março de 1886*.

IL BRASILE, Revista mensile agricola, commerciale, industriale e finanziaria.—Anno I.—N. 11.—Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeueuve & C. Traz interessantes estudos e informações sobre o Brazil, e que muito podem concorrer para que o estrangeiro conheça melhor este paiz.

UNIÃO MEDICA, *Archivo internacional de sciencias medicas*, publicado pelo Dr. Vieira de Mello, director.—Anno VII.—Fasc. 11.—Imprensa a Vapor H. Lombaerts & C.

As materias contidas neste fasciculo constam do seguinte summario:

O professor Torres-Homem.

Neuropathologia.—Da heredo-syphilis como factor pathogenico da histeria e da epilepsia, pelo Sr. Vieira de Mello.—Estudo sobre os signaes precursores das perturbações nervosas da infancia, pelos Srs. Drs. Ch. Féré e Souza Leite.

Clinica therapeutica.—La résorcine dans les maladies de l'estomac, pelo Sr. Dr. Justus Andeer.

Clinica medica.—Da uremia, pelo professor E. Lanceroux.

Epidemiologia.—Considerações sobre o tratamento da variola, pelo Sr. Dr. F. S. dos Santos Pagano.

Revista da Imprensa Medica.—Envenenamento de um melico pelo aconito, pelo Sr. Morel Lavalée.—Dois casos de estrangulamento espontaneo dos membros, por C. Buichi.—Tratamento da

blenorragia pelo bicarbonato desodio pelo Sr. Dr. Costellam.—O hydrato de choral como vesicante, pelo Sr. A. Ivanovsky.—Pelo Dr. Vieira de Mello.

Indicações uteis.

Supplemento.—Especialidades pharmaceuticas.

REVISTA DO CLUB DE ENGENHARIA,—cuja redacção se compõe dos engenheiros Drs. Pedro Betim Paes Leme, Adolpho José Del-Vechio e Manoel Maria de Carvalho.—Anno I.—Vol. X.—Rio de Janeiro. O presente volume recommenda-se, entre outros trabalhos da especialidade, pela publicação do debate que tem havido no Club n proposito do parecer da commissão nomeada sobre a momentosa questao do abastecimento d'agua á cidade do Rio de Janeiro.

O BRAZIL-MEDICO.—Revista semanal de medicina e cirurgia, sob a redacção e gerencia do Dr. Azevedo Sodré.—Anno I.—N. 42.—Rio de Janeiro.—Começa com a necrologia do eminente clinico brasileiro Conselheiro Barão de Torres Homem, trabalho dignamente desenhado pelas autorizadas pennas dos Drs. A. Sodré e Julio de Moura. Seguem-se outros importantes escriptos distribuidos pelas quatro secções constitutivas da revista: — *Trabalhos originaes*; — *Sociedade de medicina e cirurgia*; — *Revista medica estrangeira*; — *Noticiario*.

JORNAL DOS ECONOMISTAS, sob a redacção e propriedade de Silva Figueiró.—Anno II.—N. 21.

Contém estes escriptos:

Os seguros sobre a vida; — *Orçamento geral do Imperio*; — *Sociedades cooperativas*; — *Senador Juvqueira*; — *Direitos sobre o alcool*; — *Noticiario*.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

Solicitador—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fóra.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kreiner & C.—Juiz de Fóra.

Typ. d' a Semana, r. do Onvidor, 45, sobrad.